

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Rosa, Honorato, 1920-1968

A dignidade humana : as coisas têm preço : o homem dignidade

<http://hdl.handle.net/11067/4066>

Metadados

Data de Publicação	1998
Palavras Chave	Ética, Ontologia, Religião e filosofia
Tipo	article
Revisão de Pares	yes
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. especial (1998)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-09-21T10:24:05Z com informação proveniente do Repositório

A DIGNIDADE HUMANA AS COISAS TÊM PREÇO. O HOMEM DIGNIDADE¹

Honorato Rosa*

Recordo neste momento uma expressão de Kant que me parece extremamente feliz: *AS COISA TÊM PREÇO. O HOMEM TEM DIGNIDADE*. A diferença que há entre o preço e dignidade é a que vai do relativo para o absoluto. Ter preço significa valer relativamente, valer em relação a, ou valer como meio para; ao contrário, tem dignidade o ser que vale em absoluto, tem dignidade o ser que nunca pode considerar-se um meio, mas sempre um fim.

É o caso do homem. O homem nunca é um meio para. Pegar no homem, fazer dele um meio para se conseguir seja o que for, é efectivamente relativizar o homem, é atribuir imediatamente um preço ao homem. Numa palavra, é negar-lhe o valor, é negar-lhe a dignidade.

Quando nos perguntamos, sabendo que dignidade é este valor absoluto, um valor com carácter de fim, acerca da sua dignidade, do seu valor como fim, temos de prestar atenção ao próprio homem, para descobrir se no homem há dignidade ou simplesmente um preço.

Vamos ver em que consiste o homem. Para isso temos efectivamente de fazer apelo a duas coordenadas: uma coordenada transcendental e outra que poderíamos chamar a reflexão sobre a experiência histórica que o homem tem de si mesmo.

Assim, quando me pergunto o que é o homem, há uma série de dados que estão implicados no facto de eu fazer a pergunta. Perguntar por quem é, é coisa que na terra só o homem pode fazer. O bicho não se inquieta quanto ao seu próprio ser, não se põe a questão a si mesmo. Pelo contrário, o homem é o único ser que pode perguntar: eu quem sou?

Se nós utilizarmos o duplo método, acima referido, da atenção à experiência histórica do homem e do processo transcendental, poderemos distinguir e verificar, no ser humano, uma dupla dignidade:

* José Honorato Gomes Rosa (1920-1968), docente, desde 1953 e Director, de 1963 a 1968, do Instituto Superior de Serviço Social.

¹ Texto integrado em: FERNANDES, Ernesto (org.), ROSA, Honorato et al., *A Dignidade Humana. As Coisas Têm Preço. O Homem Dignidade. Escritos e Depoimentos*, Lisboa, ISSS e Multinova, 1996, pp. 227-233

a) Uma dignidade que consistiu propriamente em ser homem... Esta dignidade é, por assim dizer, independente da minha vontade. Uma dignidade que me é conferida. Permanece em mim, enquanto for homem e só a poderei perder quando desaparecer como ser humano. O possuir este dignidade não constitui mérito algum da minha pessoa.

Chamo a esta dignidade Dignidade-Base, a dignidade-fundamento. Esta dignidade é, ao mesmo tempo, uma disposição e uma tarefa. É a indicação de um programa.

b) Existe ainda outro sentido do termo dignidade que é exactamente o cumprimento e a realização desta dignidade tarefa. Efectivamente o homem pode e deve completar-se para ser fiel a si próprio.

Ora bem, no meu trabalho, quando falo em dignidade, algumas vezes refiro-me à dignidade de base, dignidade que me foi dada de antemão (como disposição, como tarefa), outras vezes refiro-me a esta dignidade cumprida e realizada.

No texto conciliar, é evidente que, na maior parte dos casos, ao falar-se da dignidade do homem, há uma referência clara à dignidade realizada: dum homem que se comporta como um ser humano. Apesar disso, não faltam ocasiões em que o texto conciliar faz referência a esta dignidade de base que passamos a explicar nos seus elementos intercondicionantes:

a) *O homem é um ser pessoal*: sou digno da dignidade fundamental, da dignidade radical porque sou uma pessoa humana. Ser pessoa humana é ser alguém, alguém que tem um nome, isto é, que é absolutamente único. Alguém que tem uma existência peculiar, uma existência que reconhece como sua, uma existência que é insubstituível. Nem sequer a morte chega a atingir a sua própria personalidade. Ser uma pessoa é ter uma liberdade. A pessoa é alguém que não é de ninguém, tem a livre disposição de si própria.

b) *O homem é uma pessoa corporal*: faz parte do mundo. Uma pessoa, situada aqui e agora, a quem é essencial um campo de realização.

c) *O homem é um ser em comunhão*: vive em determinadas condições. Vive em conjunto com outras pessoas, com as quais entra em relação. A pessoa é um ser em comunhão, feito para a comunidade. Existir como pessoa humana equivale irresistivelmente a ser chamado a conviver. Nenhuma pessoa pode vigorar, como pessoa, no isolamento. Uma pessoa que se isola, é um ser que se estiola, que se mata a si próprio, como pessoa. Ser pessoa humana é, efectivamente, estar aberto a um horizonte de verdade, a um horizonte de beleza, a um horizonte de amor. Ser pessoa é ser convidado a um êxtase, a um sair de si, para dar-se aos outros.

A Dignidade Humana Ameaçada

Apesar de tudo, a dignidade humana é qualquer coisa ameaçada, tanto de fora - acção de forças materiais e de outras pessoas - como de dentro, visto que a dignidade do homem é confiada ao poder que tem de dispor de si livremente.

Fora da pessoa humana há todo um conjunto de ameaças que pesam sobre o homem. O texto conciliar faz referência a estas ameaças que se opõem à vida do homem: toda a espécie de homicídio,

o aborto, a eutanásia, o próprio suicídio deliberado; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, a tortura física ou moral, a coacção psicológica; tudo o que ofende a dignidade humana, como as condições de vida infra-humana, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e de jovens e ainda as condições de trabalho degradantes que reduzem os trabalhadores a meros instrumentos de lucro, sem respeitar a personalidade livre e responsável da pessoa humana. Todas estas práticas e outras semelhantes são, na verdade, infames. Ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais os seus autores que aqueles que sofrem a injúria e - o que é mais grave - insultam a honra do Criador.

Neste momento, quero chamar a atenção para uma coisa que julgo muito importante: cada um de nós, quando deixa de tratar os outros como pessoas humanas, perde em si próprio, o sentido de pessoa humana. Um homem que se habitua a tratar os outros homens como instrumentos, que se habitua a manipulá-los, perde o sentido, perde o gosto do humano, chegando a perder, até, a sensibilidade ao humano. Ele próprio se demite de ser homem, pois, quem não trata os homens como homens, deixa ele próprio de ser um homem.

Nunca aviltamos os outros sem antes e mais profundamente nos aviltarmos a nós próprios.

Contudo, estas ameaças provenientes do exterior do homem, não levam nunca a que a pessoa se perca. Não. Um homem morre por dentro, ou vive por dentro. Nada do que existe fora do homem pode ser decisivo para ele. Estas ameaças que se exercem de fora, num clima tal que a pessoa precisa de ser espantosamente corajosa para continuar a ser uma autêntica pessoa humana, não têm um influência decisiva e última.

Há também as ameaças que provêm de dentro, do interior do próprio homem, já que a dignidade é alguma coisa que é confiada à livre disposição que o homem tem a seu próprio respeito.

A minha dignidade é ao mesmo tempo um dom, e um ideal. É qualquer coisa que tenho de fazer. Mas eu posso recusar fazer-me uma pessoa digna; posso desinteressar-me de me realizar tal como a minha própria constituição me pede e exige.

O Homem à Imagem de Deus

Até agora analisámos a dignidade da pessoa numa perspectiva unicamente humana. A Igreja, no caso, a Constituição *Gaudium et Spes* insiste noutra dimensão mais importante: *o homem como imagem de Deus*.

Em cada um dos aspectos que possam ser analisados: desde o aspecto da inteligência, da consciência, da liberdade, em todos eles, absolutamente em todos, o homem é verdadeiramente imagem de Deus.

A Bíblia, efectivamente, ensina que o homem foi criado à imagem de Deus, capaz de reconhecer e amar o seu Criador; que o constituiu senhor de todas as criaturas terrenas, para as governar e usar; glorificando a Deus (G.S. nº12).

Esta imagem de Deus constitui para o homem uma nascente primordial da sua própria dignidade. O homem vem de Deus e parece-se com Aquele de quem procede. Mas a relação do homem com Deus não se limita unicamente à sua origem, estende-se, também, à sua orientação. O homem está

orientado para Deus. Neste sentido podemos afirmar que todos os homens têm o mesmo destino. O homem vem e vai para Deus. Este destino que orienta o homem para alguma coisa de infinito, para alguma coisa de eterno, marca a sua própria grandeza e dignidade. Só o homem é capaz de Deus, dizia Sto. Agostinho.

A Pessoa Humana em Comunhão

Mas Deus não criou o homem só: na verdade, desde o princípio criou-os homem e mulher, união esta que foi a primeira expressão da comunhão de pessoa.

O homem é um ser social e não pode viver nem desenvolver as suas qualidades à margem das relações com os outros (G.S.12).

A pessoa humana é, por vocação, alguém que é chamado a comungar. A comunidade e a pessoa, o movimento de personalização e o movimento de socialização não são realidades independentes. Pelo contrário, são realidades correlativas.

Quanto mais eu seja pessoa humana tanto mais me é necessário entrar em contacto com os outros e ser alguém num grupo de pessoas. Paralelamente, é tão mais verdadeiramente um grupo, quanto mais nele os membros forem pessoas. Um grupo que anula pessoas é um grupo que perde densidade humana. Um grupo é tanto mais rico, quanto as pessoas que o compõem tenham os olhares voltados na mesma direcção.

Se não nos sentirmos verdadeiramente pessoas, teremos dificuldades em entrar nos grupos. Um grupo supõe as pessoas, as pessoas são supostas pelo grupo. Não há grupo sem pessoas, não há pessoas sem grupo. As duas realidades são correlativas.

A Responsabilidade da Pessoa Humana

Outro aspecto da dignidade pessoal é a responsabilidade. Cada uma das pessoas é digna, na medida em que vive uma responsabilidade.

Mas, às vezes, os grupos tendem a abafar as pessoas, tendem a suprimir as pessoas, tendem a cortar a margem de responsabilidade e iniciativa que são próprias das pessoas, e então, um grupo em vez de ser um espaço onde a pessoa cresce e se desenvolve, constitui-se num ambiente onde a pessoa se minimiza. Portanto todos os grupos devem estimular os homens a ser mais homens e que todos tenham em vista o bem comum.

Todos os grupos devem servir as pessoas. Não é a pessoa que se ordena aos grupos, são os grupos que se ordenam às pessoas. Isto vale para todos os grupos. Na linha inversa, é preciso que as pessoas assumam, com alegria, as responsabilidades sociais.

O concílio protesta contra a ética individualista das pessoas e condena aquelas que não aceitam as solidariedades sociais, nos empreendimentos comuns e particularmente na vida pública.

O homem é tão mais humano, quanto mais intervir, responsabilmente, naquilo que a ele próprio diz respeito, ou diz respeito aos seus irmãos.

Cristo, o Homem Novo

Estimaria ultimar, falando do último aspecto: Cristo, o Homem novo. *O mistério do homem não se esclarece verdadeiramente senão no mistério do Verbo Encarnado* (G.S. Nº22). Efectivamente, o homem não encontra toda a sua dimensão, senão em Cristo. É o sentido do universo. Cristo é o sentido da vida humana. Cristo é o ponto perfeito de comunhão entre nós e Deus. Porque Deus fez dum rosto humano o Seu próprio rosto, em Cristo. O homem contacta com Deus encontra Deus entre os homens, ao encontrar Cristo. Cristo é a presença absoluta e gratuita de Deus, no meio de nós. É o testemunho do amor que Deus nos tem. E, portanto, um estímulo a que nós amemos o Senhor e nos amemos uns aos outros.

Cristo convida-nos ao amor uns pelos outros e como aquilo que nos divide é aquilo que a teologia chama pecado, Cristo, com a sua Morte e Ressurreição, superou o pecado, purificou as nossas consciências e constituiu-nos em condição de poder realizar a nossa tarefa humana e para além desta tarefa, a nossa tarefa de filhos de Deus.